

Ele sabe tudo sobre abelhas e mel

Sitonho ajudou a transformar a Casa Apis numa das cooperativas apícolas mais bem-sucedidas do País. **Página 10**



Divulgação



Divulgação

Economia solidária cresce 124% no Brasil em apenas oito anos

SUSTENTABILIDADE - Fabricante de mochilas, calçados e acessórios, a Cooperget (Cooperativa de Geração de Trabalho e Renda), de Novo Hamburgo (RS), é um daqueles casos de empreendimentos solidários que combinam responsabilidades ambiental e social. **Página 9**

INTERCÂMBIO

Cooperativa busca oportunidades no exterior. **Página 8**

PERFIL

Ex-catador se torna grande inventor.

Página 12

Parceria acertada na região do ABC

Trinta toneladas de resíduos recicláveis recolhidos mensalmente e geração de emprego e renda para 19 pessoas. Esse é o resultado da parceria entre a Cooperpires e a Prefeitura do município de Ribeirão Pires, na região do ABC paulista, que completou 9 anos em setembro. **Página 3**



Arquivo Unisol Brasil

Os empreendimentos de agricultura familiar estão entre os mais sustentáveis; os segmentos de recuperação de empresas e reciclagem também se destacam

O mais recente boletim informativo da Secretaria Nacional de Economia Solidária (Senaes) aponta a existência de 33.518 empreendimentos econômicos solidários no País. Em 2005 eles eram menos da metade,

14.954. Esses números comprovam a franca expansão do segmento, de cunho social, mas também com forte apelo ambiental e econômico. O avanço surpreende, pois no início dos anos 2000 a economia solidária

era um tema restrito a alguns grupos sociais ancorados na Igreja Católica e em algumas universidades e sindicatos de trabalhadores. Foi nesse contexto que a Unisol Brasil iniciou sua atuação. **Páginas 6 e 7**



Fabrizio de Notícias

Unisol participa de conferência da ACI

A Unisol teve participação ativa na Conferência Regional da ACI-Américas, realizada entre os dias 6 e 11 de outubro, na cidade do Guarujá, no litoral paulista. O evento teve como objetivo discutir os cenários e perspectivas para a economia solidária no continente americano até 2020. **Página 5**



Divulgação

editorial

Desafios enfrentados pelo cooperativismo social no Brasil

O Brasil assistiu na última década um desenvolvimento que combinou crescimento econômico e justiça social. As ampliações e os fortalecimentos do Sistema Único de Saúde (SUS) e do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) foram fundamentais para estruturar uma rede de atenção e de garantia dos direitos fundamentais. Essa conquista foi importante e vem sendo construída após a Constituição de 1988.

A criação do Programa Bolsa Família foi um passo decisivo para o combate à pobreza. Atualmente atende cerca de 14 milhões de famílias e foi o responsável por 28% da queda da extrema pobreza. Além disso, também tem impacto no PIB: a cada R\$ 1 investido varia R\$ 1,78 em atividade econômica.

O País tem um grande desafio pela frente que é o de consolidar um conjunto de estratégias para construir as 'portas de saída' e promover a autonomia social e econômica dos beneficiários das políticas sociais.

“O País tem um grande desafio pela frente que é o de consolidar um conjunto de estratégias para construir as 'portas de saída' e promover a autonomia social e econômica dos beneficiários das políticas sociais”

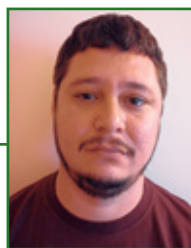
É um passo decisivo para consolidação de um novo modelo de desenvolvimento justo, solidário e inclusivo. Nessa perspectiva se apresenta o cooperativismo social, que busca, por meio do trabalho, promover a cidadania e a inclusão de segmentos em vulnerabilidade social e econômica.

Na I Conferência Temática de Cooperativismo Social ficou definido que: “As iniciativas de cooperativismo social são empreendimentos formados por pessoas em situação de desvantagem por condições físicas, mentais e situações sociais específicas e têm por objetivo promover a inclusão social e econômica dessas pessoas”.

Mas, para o cooperativismo social brasileiro se consolidar e ser uma alternativa de 'portas de saída' das políticas sociais, de reabilitação, ressocialização e de inclusão cidadã, temos como desafios: 1. Regulamentação da Lei; 2. Criação de uma Política Nacional de Apoio e Fomento; 3. Desenvolvimento de Base de Serviços de cooperativismo social em todos os Estados; 4. Incentivo ao cooperativismo social como “porta de saída” das políticas sociais.

Leonardo Pinho

Coordenador nacional do Setorial de Cooperativismo Social



Unisol dá consultoria para fortalecer comercialização

Empreendimentos do Alto Jequitinhonha recebem apoio para vender mais



Encontro na Associação de Córrego Fundo



Reunião na comunidade de Amendoim

A Unisol Brasil está à frente de um trabalho para o fortalecimento da Base de Serviços de Comercialização de Produtos da Agricultura Familiar no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais. O projeto, operacionalizado pela Unisol Brasil e financiado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), busca parceria com quatro prefeituras da região, do governo estadual (por meio da Emater – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural) e envolve nove empreendimentos solidários.

Cerca de 180 famílias serão beneficiadas. Elas atuam na Associação de Córrego Fundo, Associação dos Agricultores Familiares de Planalto de Minas e Associação Mulheres Reais, todas de Diamantina; Associação Pró-Melhoramento de Santa Cruz de Datas e Associação Pró-Melhoramento de Palmital, ambas no município de Datas; Associação Comunitária de Desenvolvimento Rural de Amendoim, da cidade de Couto de Magalhães de Minas; Associação Comunitária de Ribeirão de Areia,

Associação Comunitária de Quilombola de Espinho e Associação de Moradores da Comunidade Cuiabá, as três do município de Gouveia.

Luciano Amador dos Santos Júnior, coordenador da Base de Serviços de Comercialização da Unisol no Alto Jequitinhonha, explicou que o projeto teve início em junho com término previsto para 2014. A primeira fase, em andamento, consiste em levantar os gargalos que dificultam a venda da produção proveniente desses empreendimentos.

“Eles sabem produzir e todos participam de programas de incentivo do governo federal, além de venderem em feiras livres. Mas falta demanda, assim como há problemas de logística e também de legalização”, disse o coordenador.

De uma forma geral, as associações envolvidas produzem hortaliças, legumes, leite e quitandas (conjunto de iguarias doces e salgadas feitas em casa). Mas alguns itens, para serem vendidos fora da comunidade, precisam de adequação aos padrões técnicos.

FALA, COOPERADO!

“O Jornal da Unisol Brasil acaba de entrar em nova fase. Nesta etapa queremos ficar mais perto ainda de nossa gente. Vamos ouvir o que você pensa sobre as reportagens e por quais assuntos mais se interessa. Por isso, reservamos este espaço para críticas, sugestões de matérias ou para quaisquer outros comentários sobre a nossa linha editorial. Sua participação é muito importante. Mande seu recado pelo e-mail imprensa@unisolbrasil.org.br, com nome completo e cidade de onde escreve. Se preferir, entre em contato com a Redação pelo telefone (11) 4991-2509. Participe!”

empreendedorismo

Veja mais informações sobre a Cooperpires no link <http://unisol.coop/aQ> ou passe o leitor do seu dispositivo móvel no QR Code ao lado.



Uma parceria que deu certo

Com apoio público, Cooperpires recolhe 30 toneladas/mês de resíduos

Trinta toneladas de resíduos recicláveis recolhidos mensalmente e geração de emprego e renda para 19 pessoas. Esse é o resultado da parceria entre a Cooperpires e a Prefeitura Municipal de Ribeirão Pires, na região do ABC paulista.

O empreendimento completou nove anos de fundação no dia 13 de setembro e é responsável pelo recolhimento e triagem de resíduos como papel, plástico, vidro, metal e óleo de cozinha. É também pioneiro na região no recebimento de material eletroeletrônico, o que torna a Cooperpires uma cooperativa diferenciada.

Segundo a vice-presidente da Cooperpires, Maria das Dores, mais conhecida como Dorinha, os cooperados trabalham das 7 às 16 horas. O serviço pode ser externo, de recolhimento de materiais pela cidade, ou interno, de separação do material conforme o tipo e a utilidade.

“Depois, tudo é levado para a cooperativa central (Coopcent), que paga um preço mais justo do que os atravessadores que existem no mercado. Isso possibilita haver mais sobras para os cooperados no final do mês”, explica Dorinha. Dos 19 cooperados, apenas quatro são aposentados e têm os ganhos



Esteira para triagem de material

como complemento de renda. Os demais dependem totalmente da atividade exercida na Cooperpires.

GALPÃO

A cooperativa funciona em um galpão de 530 m² cedido pela Prefeitura, que também fornece, por meio de parceria, dois caminhões com motoristas e ajudantes para coleta porta a porta, EPIs (equipamentos de proteção individual), uniformes e vale transporte.

Dorinha diz que a criação do empreendimento também foi importante para a qualificação das pessoas envolvidas. Para participar do projeto houve a necessidade de frequentar cursos específicos sobre o funcionamento de uma cooperativa e também para o manuseio correto do material reciclável. “Alguns cursos foram aplicados pela Unisol”.



A presidente do empreendimento ao lado de sua vice, Maria das Dores, e de outros dois participantes

É possível empregar o dobro

A presidente do empreendimento, Joana Darc Pereira Costa, afirma que o galpão onde é feita a triagem e armazenamento do material reciclável da Cooperpires tem capacidade de receber o dobro de cooperados. Mas para atrair gente interessada é preciso antes criar mecanismos que possibilitem aumentar a renda dos trabalhadores.

Boa parte dos cooperados dependem totalmente da renda obtida na cooperativa e há alguns que, aposentados, complementam o benefício recebido da Previdência. “Nem sempre aumentar as horas trabalhadas ou coletar mais recicláveis garante mais sobras. Estudamos maneiras de agregar valor ao que produzimos”, explica Joana.

Especialista no assunto, a assessora técnica da Unisol Brasil, Elisabete de Jesus Rocha, concorda com Joana. A primeira fase da montagem do empreendimento já



Joana Darc Pereira Costa

está concluída. A Cooperpires goza de segurança jurídica e está devidamente estruturada. Agora, precisa se planejar para garantir uma retirada maior aos participantes.

“A Cooperpires ainda não gera a renda que gostaríamos que gerasse. Mas está no caminho certo para que isso aconteça. Até porque qualquer empreendimento é um

negócio. Qualquer negócio tem de ser viável. E só é viável se possibilitar uma boa retirada aos trabalhadores”, comentou Elisabete.

ESTRATÉGIA

Para mudar a situação, com apoio da Unisol, a cooperativa trabalha em duas frentes: acabar com a rotatividade de cooperados e passar a transformar o material recolhido em produtos de maior valor agregado.

A rotatividade é ruim porque depois de treinado o cooperado desiste e o empreendimento volta para a estaca zero e tem de começar tudo de novo. Já a industrialização é o filé da reciclagem.

“Hoje fazemos coleta, triagem e comercialização. Mas quem ganha dinheiro mesmo é a indústria, que transforma o material. Trabalhamos para mudar isso. Não é fácil, mas chegaremos lá”.

curtinhas

Quer ler outras informações sobre economia solidária? Acesse www.unisol.coop ou passe o leitor de seu dispositivo móvel no QR Code ao lado.



Divulgação

COOPERATIVAS HABITACIONAIS

A Cooabras (Cooperativa Habitacional Central do Brasil) organizou no dia 26 de outubro, em Bento Gonçalves (RS), o 5º Encontro das Cooperativas Habitacionais Autogestionárias. O evento, que contou com a participação de representantes da

Fucvam (Federación Uruguaya de Cooperativas de Vivienda por Ayuda Mutua), marcou os 20 anos do cooperativismo habitacional autogestionário no País e discutiu os desafios e a expansão do cooperativismo habitacional na Serra Gaúcha e no Brasil.



Divulgação

PIS BENEFICIA COOPERATIVA

No dia 25 de outubro, a Coopgrande (Cooperativa de Produtores Rurais dos Municípios de Campina Grande e Boa Vista), da Paraíba, foi o primeiro empreendimento solidário ligado à Unisol a receber equipamentos financiados pelo Programa de Investimento Solidário da Central de Cooperativas. As máquinas de beneficiamento de leite irão permitir a produção do queijo coalho, além de eliminar a necessidade de intermediários

no processo de industrialização da matéria-prima.

Criado no ano passado, em parceria com a Red del Sur (grupo que reúne centrais cooperativas do Mercosul), o programa teve como objetivo o financiamento de projetos voltados para a estruturação e modernização da capacidade produtiva dos empreendimentos solidários. Além da Coopgrande, outras sete cooperativas ligadas à Unisol serão beneficiadas pelo programa.



Divulgação

PAPA FRANCISCO

O presidente da Cooperar (Confederação Cooperativa da República Argentina), Ariel Guarco, e Pauline Green, presidente da ACI (Aliança Cooperativa Internacional) estiveram entre os dirigentes de entidades cooperativistas recebidos, no dia

15 de outubro, pelo Papa Francisco em uma audiência no Vaticano. O objetivo da visita foi discutir o cooperativismo como uma ferramenta para solução dos problemas sociais. No encontro, o Papa ressaltou a importância do cooperativismo para a sociedade.

ASSOCIATIVISMO PARA CATADORES

O cooperativismo foi tema de uma palestra voltada para catadores de materiais reciclados da cidade de Mafra (SC). Realizada no último dia 17 de outubro, na sede da Recivida (Associação Ecológica de Resíduos Sólidos Recicláveis), o evento contou com a participação da

Unisol e de representantes do poder público municipal. Na palestra, o assessor técnico da Unisol em Joinville (SC), Daniel Tomazoni, deu um panorama geral sobre o ramo das cooperativas e ressaltou também as vantagens do trabalho em conjunto para a capacitação de catadores.

REUNIÃO NO RIO GRANDE DO SUL

Representantes da Unisol no Rio Grande do Sul se reuniram no último dia 19 de outubro, em Porto Alegre, no encontro estadual da central de cooperativas. O objetivo da reunião foi iniciar o planejamento das metas da Unisol no estado em 2014. Mirian Pocebon, secretária de

Setoriais da Central de Cooperativas, destaca que o principal desafio é manter o crescimento no estado. Isso inclui o incentivo ao desenvolvimento de projetos pelos setoriais locais e a criação da Unisol Rio Grande do Sul. “O desafio é fazer com que sejamos sustentáveis no estado”, destaca.

OLHARES DO SUL

A organização de uma rede de empreendimentos solidários para comercialização e desenvolvimento de produtos artesanais levou a Rede Olhares do Sul, do Rio Grande do Sul, a ser incluída pela Fundação Banco do Brasil no Banco de Tecnologias Sociais da entidade. O Banco de Tecnologias Sociais é um cadastro que reúne dados sobre projetos desenvolvidos para a solução de problemas sociais. O objetivo é permitir a reprodução dessas iniciativas em outros locais com demandas semelhantes.



Agência Brasil

AGROECOLOGIA

O Governo Federal lançou no último dia 17 de outubro o Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica. A iniciativa tem como objetivo articular políticas e ações de incentivo ao cultivo de alimentos orgânicos por agricultores familiares. Para isso, serão investidos R\$ 8,8 bilhões ao longo de três anos. Do total de recursos, R\$ 7 bilhões serão disponibilizados pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar para a concessão de crédito agrícola e R\$ 1,8 bilhão para qualificação.

Unisol Brasil marca presença na Conferência Regional da ACI-Américas, no Guarujá (SP)

Evento teve objetivo de discutir os cenários e as perspectivas para a economia solidária no continente; paralelamente foi organizado o *1º Encontro de Cooperativas de Trabalho Associado*

A Unisol teve participação ativa na *Conferência Regional da ACI-Américas*, realizada entre os dias

6 e 11 de outubro, no Guarujá, no litoral paulista. O evento teve como objetivo discutir os cenários e pers-

pectivas para a economia solidária no continente americano.

Cerca de mil pessoas participaram das atividades, que contaram com a participação de autoridades e especialistas como Paul Singer, Secretário Nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho e Emprego.

Dentro da programação da conferência, a Unisol se destacou no *1º Encontro de Cooperativas de Trabalho Associado*, organizado no dia 8. “Confirmamos no encontro a importância das cooperativas para a geração de trabalho e renda e a promoção da igualdade social”, destaca Arildo Mota Lopes, presidente da Unisol.

A conferência organizada no Guarujá serviu de preparação para a Assembleia Geral da ACI, realizada entre os dias 1º e 5 de novembro, na Cidade do Cabo, na África do Sul.

O evento no país africano teve como tema central a discussão de ações para, até 2020, transformar os empreendimentos da economia solidária no modelo ideal de negócio, por meio do estímulo ao rápido crescimento das cooperativas.

Fundada em 1895, a ACI é uma organização que representa e une cooperativas de todo o mundo, por meio da coordenação de ações e a troca de conhecimento entre os empreendimentos associados.

Além das Américas, a ACI conta com outras três representações na Europa, África e Ásia. O escritório continental foi fundado em 1990 e tem sede em San José, Costa Rica.



Arildo Mota Lopes (primeiro à direita) esteve presente no encontro

“Confirmamos no encontro a importância das cooperativas para a geração de trabalho e renda e a promoção da igualdade social”

Encontro no Uruguai reforça atuação da Cicopa Mercosur



Evento contou com dirigentes que debateram políticas para a consolidação, até 2020, das cooperativas; na foto do meio, Vicente Aguiar, da Colivre (Cooperativa de Tecnologias Livres)

Entre os dias 3 e 4 de outubro, Montevideu, capital uruguaia, sediou o evento que marcou o encerramento do projeto Red del Sur e o fortalecimento da Cicopa Mercosur. Braço local da Cicopa (Organização Internacional das Cooperativas de Produção Industrial, Artesanal e de Serviços), o órgão

terá como objetivo representar e reunir os empreendimentos solidários dos países que compõem o Mercosul.

Durante o evento foram discutidas ideias e políticas para a consolidação, até 2020, das cooperativas entre os principais grupos da economia mundial.

“A empresa é uma construção social, mas estamos inseridos em uma cultura que nos convence que o dono é apenas o capital. É isso que questionamos. Queremos a propriedade social dos meios de produção”, destaca José Orbaiceta, presidente da Cicopa Mercosur.

Outros temas abordados na

conferência foram comunicação na economia solidária, democratização das informações para promoção da justiça social, participação das mulheres nos empreendimentos e a construção de cadeias produtivas para integrar as redes de economia solidárias entre os países.

“A empresa é uma construção social, mas estamos inseridos em uma cultura que nos convence que o dono é apenas o capital”

de primeira

Leia outras informações sobre economia solidária acessando o link www.unisol.coop na internet. Se preferir, passe o leitor ótico do seu dispositivo móvel no QR Code ao lado.



Economia solidária: um segmento em plena expansão



Marcelo Kehdi Gomes Rodrigues, diretor tesoureiro da Unisol Brasil

Criação de leis específicas e de programas governamentais de fomento fez surgir dezenas de milhares de novos empreendimentos em todas as partes do território nacional

O mais recente boletim informativo da Secretaria Nacional de Economia Solidária (Senaes) aponta a existência de 33.518 empreendimentos econômicos solidários no País. Em 2005 eles eram menos da metade, 14.954. Isso significa que, em oito anos, o setor cresceu 124% no Brasil. Esses números comprovam a franca expansão do segmento, de cunho social, mas também com forte apelo ambiental e econômico.

Para entender o motivo desse rápido crescimento é preciso conhecer um pouco da história do próprio setor. No início dos anos

2000, a economia solidária era um tema restrito a alguns grupos sociais ancorados na Igreja Católica e em algumas universidades e sindicatos de trabalhadores.

Foi nesse contexto que a Unisol iniciou sua atuação. “Houve, desde o começo, um trabalho intenso de nossa parte para alterar marcos do setor, mudar leis com a finalidade de fortalecê-lo”, afirmou Marcelo Kehdi Gomes Rodrigues, diretor financeiro da Central de Cooperativas e Empreendimentos Solidários.

Até então, o cooperativismo era aplicado de forma equivocada,

com a finalidade de precarizar o trabalho. “Na década de 1990 as grandes corporações, com o argumento da reengenharia, induziram muitos trabalhadores a deixarem o regime da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) e a prestarem serviços na forma de cooperativa”, conta o dirigente.

A artimanha distorcia a própria lógica do cooperativismo que é a de unir forças para que todos possam ganhar. Sem informações, os trabalhadores daquela época, para manterem seus empregos, aceitavam a proposta, mas era o empregador quem ditava as regras.

MUDANÇA

Isso só começou a mudar com a interferência da Justiça e do Ministério Público e com a pauta do cooperativismo autêntico (autogestionário) defendida pela Unisol e outras associações e entidades.

A partir daí, o governo começou a desenvolver mecanismos para fomentar o setor. Um dos mais conhecidos é o *Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf)*, do Ministério do Desenvolvimento Agrário. Rodrigues também destaca outras iniciativas como uma mudança na Lei de Falências que

permite aos trabalhadores arrendarem os bens de uma massa falida, a nova lei do cooperativismo de trabalho (12.690/2012) e a criação de regras específicas em centenas de municípios do Brasil.

A difusão dos princípios frente aos poderes públicos municipais e estaduais foi fundamental para que houvesse essa guinada”, afirma o diretor financeiro da Unisol.

Como exemplo, atualmente algumas prefeituras mantêm parcerias com cooperativas de catadores. Postura esta também incentivada pela Política Nacional de Resíduos Sólidos.



Segmento de reciclagem de resíduos sólidos conta hoje com parcerias de diversas prefeituras do País

Três setores distintos passam por processo de consolidação

Dos setores envolvidos com a economia solidária destaque para aqueles oriundos da agricultura familiar, da reciclagem e empresas recuperadas. Vários empreendimentos desses setores estão consolidados, em consolidação ou passam por processo de estruturação.

As cooperativas criadas a partir de massas falidas como a Uniforja, de Diadema, Copromem, de Mococa, e Metalcoop, de Salto, todas do estado de São Paulo, são exemplos de empreendimentos que, nos dias de hoje, conseguem andar com as próprias pernas.

Mas para que isso fosse possível essas cooperativas contaram com acesso ao crédito por meio do *Programa de Apoio à Consolidação de Empreendimentos Autogestionários* (Pacea), do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

Dentro desse programa, a Copromem recebeu financiamento de R\$ 30 milhões para a constru-

ção de uma nova sede e compra de equipamentos. Sem a ajuda, ficaria difícil para o empreendimento mudar de local antes que o galpão pertencente à massa falida da metalúrgica Nicol Rome, fosse à leilão.

“Usamos R\$ 25 milhões na obra e R\$ 5 milhões na aquisição de equipamentos. O BNDES também disponibilizou, a fundo perdido, R\$ 500 mil para aplicarmos no treinamento da mão de obra”, explicou Pedro Luiz de Souza, presidente da Copromem.

Claro que, assim como qualquer empreendimento tradicional, essas cooperativas também sofrem em tempos de crise. Mas conse-

guem reagir e manter os postos de trabalho por mais tempo.

“Ao contrário do que acontece nas empresas de forma geral, nessas cooperativas busca-se cortar custos de maneira mais social. Reduz-se as retiradas dos cooperados por um determinado tempo porque assim dá para segurar a mão de obra já treinada e especializada”, disse Rodrigues.

AGRICULTURA

A agricultura familiar é outra área que merece destaque. Cooperativas como a Casa Apis, do Rio Grande do Sul, Redesol, de Minas Gerais, Coopcent, de São Paulo e Rede Febracom, do Rio de Janeiro, são bons exemplos.

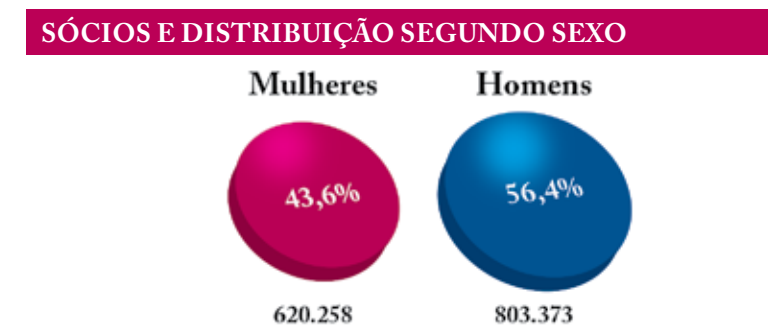
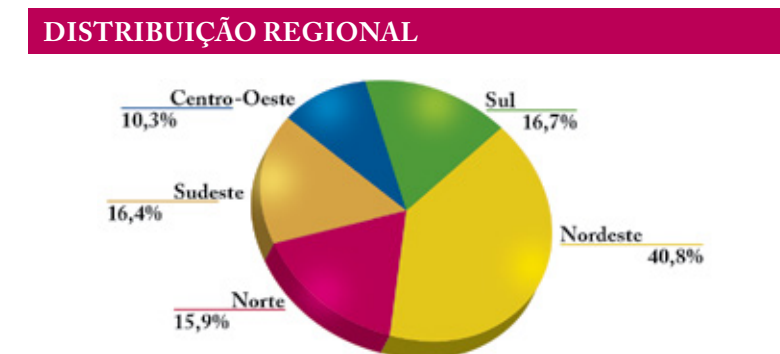
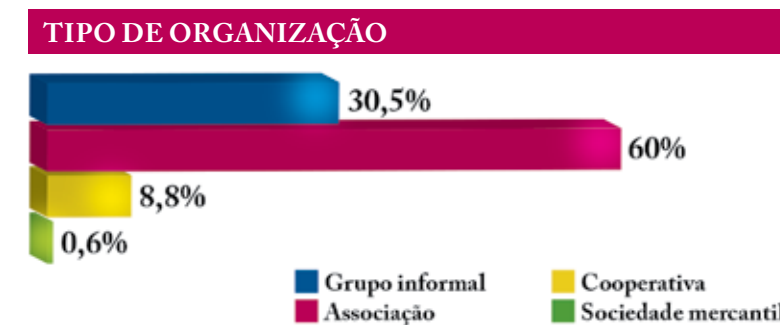
cadeia produtiva, respectivamente, no Nordeste e Centro-oeste, são exemplos de empreendimentos muito bem resolvidos.

“Esses empreendimentos caminham com os próprios pés. Claro que eles recebem ajuda governamental, mas é importante não confundir política de apoio com assistencialismo. Grandes empresas do setor automotivo, grandes produtores rurais, banqueiros recebem ajuda. As cooperativas de catadores também apresentam bom desempenho. Coarlas, no Rio Grande do Sul, Redesol, de Minas Gerais, Coopcent, de São Paulo e Rede Febracom, do Rio de Janeiro, são bons exemplos.

Maiores concentrações estão nas regiões Nordeste e Sul

O mapeamento feito pela Secretaria Nacional de Economia Solidária (Senaes) começou a ser feito em 2004 e até o momento realizou três rodadas nacionais de identificação e caracterização dos empreendimentos econômicos solidários (EES).

O primeiro levantamento ocorreu em 2005 quando foram mapeados 14.954 EES. Em 2007 já eram 21.859 EES e na pesquisa realizada no período 2010-2012 o número já tinha saltado para 33.518. Deste total, 19.708 empreendimentos responderam a um questionário enviado pela Senaes. Veja as tabelas com alguns resultados obtidos pela Secretaria.



CATEGORIA SOCIAL DOS SÓCIOS	Porcentagem
Agricultores familiares	55%
Artesãos	18%
Autônomos / por conta própria	6%
Desempregados (desocupados)	3%
Catadores de material reciclável	3%
Outros	7%
Não se aplica ou não há predominância de categoria social	6%



Uniforja, modelo de sucesso

intercâmbio

Leia outras notícias sobre a Copromem na internet. Acesse o link <http://unisol.coop/ba>. Caso prefira, passe o leitor do seu dispositivo móvel sobre o QR Code ao lado.



Oportunidades que o exterior oferece

Copromem, de Mococa (SP), participa de evento na Suécia e nos Estados Unidos

O presidente da Cooperativa de Produtos Metalúrgicos de Mococa (Copromem), Pedro Luiz de Souza, foi convidado para participar do *Swedish Steel Prize 2013*. O evento, organizado pela SSAB, fabricante de aços de alta resistência, será realizado em duas cidades da Suécia: Borlänge, no dia 19 de novembro, e Estocolmo, no dia 20, com a finalidade de premiar parceiros e estreitar a relação comercial entre eles.

“Para nós é uma oportunidade de adquirir experiência e ampliar nossa rede de contatos. A SSAB fornece para empresas que poderiam ser clientes nossos, pois fabricamos componentes para máquinas de preparação de solo”, contou Souza, que irá ao evento acompanhado de Elton Santana, que atua na área de compra de



Wanderson Luis Batista (terceiro da esquerda para direita, agachado)

aços do empreendimento.

ESTADOS UNIDOS

O evento na Suécia não chega a ser uma novidade para a Copromem. O vice-presidente da cooperativa, Wanderson Luis Batista, participou entre os dias 15 e 18

de outubro de um treinamento na fabricante de máquinas de solda Miller, nos Estados Unidos. Durante o intercâmbio foram apresentadas as novas técnicas e equipamentos de processo de soldagem que em breve estarão no mercado.

Entre as tecnologias está o tra-

Droeghda

tamento térmico superficial, que consiste no pré e no pós-aquecimento do material a ser soldado. “Isso é importante. Suponhamos que a solda seja feita em material com alto teor de carbono. Sem o pré-aquecimento, ele pode apresentar microtrincas quando o equipamento estiver em campo”.

Hoje, esse processo de pré e pós-aquecimento é feito com manta lança-chamas. A tecnologia desenvolvida pela Miller consiste no uso de cabos de corrente elétrica com polaridades invertidas. Entre a peça e os cabos é colocada uma manta térmica com a finalidade de segurar o calor, além de servir como isolante.

Batista também teve contato com soldagem com uso de robôs e com uma tecnologia que permite integrar as máquinas de solda

ao sistema do empreendimento. Dessa forma, é possível acompanhar o processo fabril simultaneamente ao seu acontecimento. “Se a máquina parar de funcionar, automaticamente os gestores ficam sabendo. Dá para acompanhar de qualquer parte do mundo, por meio de um aplicativo no celular”.

Segundo o vice-presidente da Copromem, os sistemas apresentados ainda estão em fase de testes para homologação. Mas a cooperativa tem a intenção de adquiri-los assim que forem disponibilizados no mercado. “Todas as técnicas aprendidas lá nos Estados Unidos nos dão um diferencial em relação ao que é praticado pela concorrência hoje no Brasil. Sem contar que, quando você automatiza uma linha de produção, a produtividade aumenta”.

Dirigentes da Unisol prestam apoio a empreendimentos no Paraguai

Com o objetivo de prestar auxílio técnico aos empreendimentos solidários do Paraguai, Alécio Mascarenhas, assessor da diretoria, e Israel de Oliveira Santos, secretário de Agricultura Familiar da Unisol, estiveram no país vizinho

entre os dias 25 e 28 de setembro.

O convite partiu da Fundação Cideal, organização de apoio a projetos de desenvolvimento econômico. Nos quatro dias de viagem, os representantes da Unisol visitaram cooperativas e agricultores familiares, com o objetivo de conhecer a realidade do setor e identificar as demandas no Paraguai.

Segundo Santos, os paraguaios ainda têm muito que avançar. “Lá não existem políticas públicas de apoio ao cooperativismo, como, por exemplo, linhas de crédito especiais

para empreendimentos solidários ou programas de compra de alimentos de agricultores familiares, como acontece aqui”, destaca.

Com o levantamento das demandas, o próximo passo será organizar visitas de técnicos de empreendimentos brasileiros ao país, o que deve acontecer em dezembro.

A Fundação Cideal é uma organização espanhola fundada em 1983 com o objetivo de organizar atividades de formação e assistência técnica a empreendimentos do hemisfério sul.



Israel de Oliveira Santos (esq.) e Alécio Mascarenhas

“Lá não há políticas públicas de apoio ao cooperativismo”

Banco de imagens

sustentabilidade

Leia outras notícias sobre a Cooperget. Acesse o link <http://unisol.coop/bg>. Se preferir, passe o leitor do seu dispositivo móvel sobre o QR Code ao lado.



Calçados chamaram a atenção de lojistas gaúchos, catarinenses e paulistas. Na foto à direita, Tiago Leivas e Indira Martins, sócios da cooperativa

Cooperativa de Novo Hamburgo faz produtos com lonas recicladas

Cooperget trabalha com linhas ecologicamente corretas e reverte receita para formação profissional de jovens

Fabricante de mochilas, calçados e acessórios produzidos com lonas recicladas e algodão orgânico, a Cooperget (Cooperativa de Geração de Trabalho e Renda), de Novo Hamburgo (RS) é um daqueles casos de empreendimentos solidários que combinam sustentabilidade ambiental e social.

A explicação para isso está na origem da cooperativa, nascida a partir do trabalho desenvolvido pelo Instituto Villaget. Fundado em 2004 pelo designer Mário Pereira, o instituto tem o objetivo de oferecer opções de recreação e ca-

pacitar profissionalmente os jovens da Vila Getúlio Vargas, comunidade carente da cidade gaúcha.

O projeto forma trabalhadores para atuar na famosa indústria de calçados do município. O curso, com duração de quatro anos, ensina aos jovens todo o processo de produção, que inclui o desenho, corte e montagem dos produtos.

Mas em 2009, o projeto aca-

bou tomando um rumo novo, que foi além dos planos iniciais do seu criador. Um grupo de sete formandos do projeto decidiu fundar uma cooperativa para praticar o ofício que haviam aprendido.

Hoje, a Cooperget tem uma produção mensal de 600 peças por mês. “Possuímos uma loja própria aqui em Novo Hamburgo, toda montada com conceitos ecológi-

cos, móveis reciclados produzidos a partir de tonéis descartados”, completa Pereira, que além de fundador do Instituto Villaget é presidente da Cooperget.

Sem se esquecer da comunidade que deu origem ao empreendimento, a Cooperget é hoje uma porta de entrada para o mercado de trabalho dos jovens formados no Instituto Villaget. E trabalho é

o que não deverá faltar nos próximos anos.

Além dos produtos vendidos na loja da cooperativa, o empreendimento comercializa para estabelecimentos em Porto Alegre, Santa Catarina e São Paulo. A Cooperget também marcou presença na última edição da Francal, um dos principais eventos do setor calçadista no País, realizada em julho, em São Paulo. Na ocasião, inclusive, foi anunciado uma parceria com a Justa Trama, que irá fornecer matéria-prima para uma nova linha feita com algodão orgânico.

Empreendedores já tiveram prejuízo com enchente

Em setembro, às vésperas da Feira Nacional de Calçados, em Novo Hamburgo, uma enchente destruiu o estoque de produtos e de parte do material utilizado pela fabricação de calçados e mochilas.

“Foi aquela correria para salvar material em estoque e produtos prontos. Infelizmente tivemos perdas, pois a água subiu muito rápido”, destacou Mário Pereira, presidente da cooperativa.

Mesmo assim, os cooperados não desanimaram. Fecharam temporariamente a loja do empreendimento solidário (que não foi afetada pela enchente) e utilizaram o estoque para expor na feira.

Sensibilizado pelo esforço, um lojista de Porto Alegre cedeu o seu estoque de produtos da Cooperget para que a cooperativa pudesse expor mais itens.

ECOUNI

Por conta da filosofia voltada à produção sustentável, a Cooperget planeja também investir na marca Ecouni, pertencente à Unisol Brasil. A marca já é usada por empreendimentos como a Unimáquinas, de São Bernardo do Campo (SP), e Unipol, de Joinville (SC).

gente que faz

O homem abelha

Apicultor há 32 anos, Antonio Leopoldino Dantas Filho, é um dos pioneiros na produção de mel em Picos, no interior do Piauí

Antonio Leopoldino Dantas Filho, 55 anos, sendo 32 dedicados à produção de mel, é uma das referências do segmento em todo o País. Aprendeu os segredos da apicultura com profissionais que migraram do Sul para o Nordeste. Depois de muitos anos de concorrência com os demais produtores, Sitonho, apelido pelo qual é conhecido, percebeu que o melhor era unir forças. Foi ele um dos fundadores da cooperativa Casa Apis, em Picos, no Piauí, onde hoje atua como diretor geral.

Sua história no segmento começou no final da década de 1970. Sitonho era um estudante pertencente a uma família de agricultores de subsistência. Criavam caprinos, ovinos e plantavam para consumo próprio. O excedente para venda era muito pequeno. “Posteriormente, meu pai chegou a ter uma pequena farmácia que herdei quando ele faleceu. Mas com a chegada de grandes redes esse empreendimento se mostrou inviável. Hoje trabalho apenas com mel”, explica.

Naquela época, as terras agricultáveis do Sul e Sudeste passavam por grande transformação com um rápido processo de mecanização das lavouras e predominância de monoculturas como da cana-de-açúcar, laranja e soja, além do café. A devastação de áreas nativas obrigou os apicultores a se mudarem para diversas cidades nordestinas, entre elas Picos. Sitonho se interessou pela nova atividade. Aproximou-se dos imigrantes e passou a trocar informações e a trabalhar com eles.

Foi um começo conturbado. Um choque cultural. Sitonho conta que naquela região o costume era desmatar para abrir espaço para

lavoura e criação de gado. Foi difícil, para a maioria, compreender que era possível ganhar dinheiro mantendo a floresta intacta. “Felizmente, hoje isso mudou bastante. Os moradores trocaram os machados pelas colmeias. Transformaram-se em protetores da floresta”, conta.

TIPOS DE MEL

Uma curiosidade na apicultura é que o mel produzido é dividido em tipos e subtipos conforme sua densidade e coloração. A umidade máxima, medida com equipamentos especiais tem de ser, no máximo, de 18%.

“O mel White é o mais claro e chega a atingir US\$ 3,80 o quilo. O extra White âmbar é o segundo mais valorizado e pode ser comercializado até a US\$ 3,50.

Espírito cooperativista é algo recente

Apesar da experiência adquirida no fim dos anos 1970, somente no início do século 21 o espírito cooperativista foi devidamente assimilado por parte dos produtores locais. Até aquele momento, as experiências na criação de cooperativas de apicultores fracassavam por falhas de gestão e falta de entendimento de como esse tipo de empreendimento funciona.

Sitonho conta que antes, um apicultor era concorrente do outro. As cooperativas que surgiam fracassavam porque na prática tinham um ‘dono’ que levava vantagem sobre os demais participantes. Por

Outras informações sobre a Casa Apis e sobre apicultura você obtém na internet por meio do link <http://unisol.coop/aR> ou passe o leitor de seu dispositivo móvel no QR Code ao lado.



Sitonho mostra equipamentos para processar e armazenar o mel



outro lado, sem união, quem lucrava era o atravessador, que comprava barato para vender caro. “Desde 1998 pensávamos em montar uma cooperativa séria. A ideia foi amadurecendo aos poucos até que em 2002 reunimos um grupo e finalmente criamos a cooperativa”.

Os primeiros parceiros surgiram no ano seguinte e, na atualidade, a Casa Apis conta com apoio dos programas dos governos federal e estadual e de órgãos como o Sebrae, por exemplo. “Também tivemos apoio da Unisol. Ajuda importante porque eles enviavam técnicos para cá e me deu a oportu-

nidade de conhecer empreendimentos em São Paulo. A experiência contribuiu para a sustentabilidade da Casa Apis”.

TECNOLOGIA

Hoje, a Casa Apis é uma cooperativa moderna. Conta com tecnologia de ponta para produzir, extrair e embalar mel orgânico. Entre os equipamentos disponíveis, há um desumidificador que elimina o excesso de água do mel, o que aumenta a durabilidade do produto. “A máquina, aliás, foi desenvolvida por nós e passa por processo de registro de patente”.

Artesãs paraibanas recebem selo de Indicação Geográfica

Renda do Cariri agora é marca registrada pelo Inpi; expectativa é de crescimento nas vendas



As artesãs ligadas ao Conarenda (Conselho das Associações Cooperativas, Empresas, Entidades Vinculadas a Renda Renascença do Cariri Paraibano) passaram a ter mais um motivo para comemorar.

No final de setembro, o Inpi (Instituto Nacional da Propriedade Industrial) concedeu o registro de Indicação Geográfica para a Renda do Cariri Paraibano.

O selo atesta a procedência regional e impede a utilização da marca em produtos de fora da região geográfica delimitada.

“Com o selo, o mercado é outro. Nos diferenciamos de outros produtores de renda e podemos até buscar parceiros para exportar”, destaca Nubia Pinheiro, que é presidente do Conarenda (Conselho das Associações Cooperativas, Empresas, Entidades Vinculadas a Renda Renascença do Cariri Paraibano), empreendimento que reúne oito associações de rendeiras da região.

Dentre os artigos produzidos pelas rendeiras estão desde itens de cama, mesa e banho até peças de vestuário. Além da conquista de novos mercados, Nubia acredita que o registro vai ajudar a atrair mais artesãs para as associações produtoras da Renda do Cariri.

Segundo dados da Conarenda, cerca de três mil mulheres se dedicam à produção de rendas na região, a maior parte delas de forma independente.

Localizado no sul da Paraíba, no meio do semiárido e a mais de 300 quilômetros da capital João Pessoa, a região do Cariri engloba os municípios de Monteiro, Camalaú, São João do Tigre, São Sebastião do



Selo diferencia os produtos

Umbuzeiro e Zabelê.

No ano passado, a CoopNatural, também da Paraíba, conquistou o mesmo selo para os produtos produzidos com algodão colorido cultivado no estado. O empreendimento reúne 29 associados, que trabalham com a produção de peças de vestuário e brinquedos de pano e inclusive já exportaram para a Europa.



“Com o selo, o mercado é outro. Nos diferenciamos de outros produtores de renda e podemos até buscar parceiros para exportar”

Feira do Peixe do Acre terá terceira edição em dezembro

Um dos principais eventos da Economia Solidária no Acre, a Feira do Peixe e Agricultura Familiar terá uma terceira edição até o final do ano. Organizada pela administração municipal, em parceria com o governo do estado, a Unisol, o Sebrae, a Embrapa e entidades sindicais, a feira é um dos principais eventos de geração de renda para os trabalhadores do estado.

Na última edição, realizada entre os dias

25 e 29 de setembro, cerca de 20 mil pessoas visitaram a feira. Mais de 60 toneladas de hortifrutis e 30 toneladas de peixes foram comercializadas. Os números são menores do que no evento anterior, que reuniu mais de 100 mil pessoas no mês de abril, mas estão dentro da expectativa da organização.

“A feira de abril é tradicionalmente mais forte. Nesta edição tivemos a participação de vários empreendimentos da economia

solidária”, destaca Carlos Omar, coordenador da Base de Serviços de Comercialização da Unisol no estado. O evento reuniu 25 empreendimentos de municípios próximos à capital do Acre.

Um desses empreendimentos foi a Cooperativa do Assentamento Dom Moacyr, que sozinha levou duas toneladas de peixes para a feira. “O nosso grupo tem interesse em prosperar e poder apresentar o produto

ao consumidor e estamos felizes de poder fazer isso”, destaca Raimundo Nascimento, um dos associados do empreendimento.

A Unisol conta com cerca de 50 empreendimentos solidários filiados no estado do Acre, que geram renda a cerca de 4,5 mil famílias. Segundo Omar, a expectativa é de que as próximas feiras tenham participação cada vez maior de cooperativas, associações e também de público.



Evento possibilita vender produção



Variedade em frutas e legumes



Feira foi visitada por 20 mil pessoas

“A feira de abril é tradicionalmente mais forte. Nesta edição tivemos a participação de vários empreendimentos da economia solidária”

perfil

Leia outras notícias sobre reciclagem acessando, na internet, o link <http://unisol.coop/X>. Se preferir, passe o leitor do seu dispositivo móvel no QR Code ao lado.



Claudinei, o inventor de máquinas úteis

Envolvido com economia solidária há oito anos, ex-catador tem o dom para desenvolver equipamentos

Ex-catador de resíduos sólidos, Claudinei de Lima, 48 anos, casado, pai de quatro filhos, descobriu há algum tempo sua vocação para inventor. Ele desenvolveu uma máquina capaz de lavar a garrafa PET, cortar seu fundo e desfiá-la para que os fios sejam transformados em varais. A patente, inclusive, já foi requerida.

Lima atua no segmento de economia solidária há oito anos. Ele já integrou a Cooperativa de Trabalho dos Profissionais de Reciclagem de Materiais de Mauá (Cooperma), onde era catador.

“Nessa época (quando ele desentupia bocas de lobo, em Mauá) notei a necessidade de transformarmos as garrafas PET em algum produto útil”

Atualmente é membro da Cooperativa Central do ABC (Coopcent), de Diadema.

Também já trabalhou como assessor parlamentar na Câmara Municipal de Mauá (SP) e, na mesma cidade, foi funcionário público do departamento de água e esgoto. Tinha como função desentupir bocas de lobo. “Nessa época notei a necessidade de transformarmos as garrafas PET em algum produto útil. Elas entupiam todos os bueiros e muitas iam parar nos rios e nos mares”, contou.

Junto com o irmão, Carlos Alberto, ele começou a imaginar produtos à base de garrafa PET. Criou vassoura, escovinha de lavar roupa e varal. Mas tudo era feito artesanalmente e Claudinei não gostava de produzir assim. “Aí tive a ideia de construir uma máquina desfiadeira de PET”.

INOVAÇÃO

O primeiro equipamento apenas desfiava as garrafas. A inovação veio logo depois, com a criação da



Claudinei: talento nato

desfiadeira três em um. Ela não só é capaz de agilizar o processo como também reaproveita a água usada na lavagem da PET. “A água passa por um filtro e retorna para lavar outra garrafa”, explica.

A invenção tem o tamanho equivalente ao de três máquinas de lavar roupas e consegue processar 500 garrafas por turno de oito horas de trabalho. Segundo Claudinei, com o material processado é possível fazer 500 varais de dez metros cada. “O fio resultante é trançado em outra máquina”.

Em uso na Coopcent, o inventor já chamou a atenção de cooperativas da Bahia e de Roraima.



Máquina desfiadeira é a única no mundo a fazer três operações distintas

Capacidade de criar foi descoberta recentemente

Claudinei Lima notou que tinha capacidade nata para invenções há poucos anos. Mas sua criatividade já havia sido demonstrada tempos atrás, quando ele precisou fazer uma obra no fundo do quintal de sua casa. Ele usou uma máquina de lavar para puxar o carrinho de terra sem fazer força.

“Tirei a carcaça da máquina e amarrei uma cordinha no eixo que bate a roupa para lavar. A outra ponta amarrei no carrinho. Aí liguei no modo centrifugar. A corda foi enrolando no eixo e puxando o carrinho”, lembra.

O problema é que ele não percebeu o quão valiosa é sua criatividade. Deixou as invenções de lado e foi trabalhar como qualquer cidadão faz. “As

vezes o dom é desperdiçado porque a gente passa a ter o dinheiro como foco. Eu ganhava um bom salário como assessor parlamentar e por isso parei de fazer o que eu mais gostava”.

Solidário, Claudinei chegou a registrar a patente do cordão de varal feito de PET. Mas como outros empreendimentos começaram a fazer o produto como forma de agregar valor, ele abriu mão de seus direitos para que todos pudessem ganhar.

Com relação ao valor de suas invenções, uma empresa japonesa ofereceu uma alta quantia para comprar a patente e outra o convidou a participar da montagem de uma fábrica no México. Mas ele recusou as duas propostas apresentadas.

EXPEDIENTE: O Jornal Unisol Brasil é uma publicação nacional da Central de Cooperativas e Empreendimentos Solidários (Unisol Brasil), com tiragem de 2.000 exemplares. Gerência Executiva: Victor Mellão; Coordenação Editorial: Marcelo Pícolo (Mtb. 26.665); Editor: Marcelo de Paula; Repórter: Evandro Enoshita; Direção de Arte: Amanda Generoso; Produção Geral: Fábrica de Notícias Ltda. Entre em contato com a nossa Redação pelo telefone (11) 4991-2509 ou pelo e-mail imprensa@unisolbrasil.org.br.



Realização



Apoio

